

Aperto embaraça até quem optou pela diluição dos investimentos

Belo Horizonte — A indústria de bens de capital de Minas, desde fins do Governo Geisel, quando começaram a ser desativados ou desaquecidos grandes projetos, sobrevive mantendo uma ocupação média em torno de 40%. Essa situação prevalece até mesmo entre as que procuraram diversificar a linha de produção, como é o caso da DELP Engenharia Mecânica S/A, que, atualmente, fabrica equipamentos para irrigação de várzeas e que tem uma usina de ferro-ligas.

— A tendência é de um agravamento ainda maior, porque o Governo tem restringido os programas — afirma o presidente da DELP e vice-presidente da ABDIB — Associação Brasileira para Desenvolvimento da Indústria de Base, José Rodrigo Machado Zica, ao prever que “não há perspectivas de melhorias a curto prazo”. Fundada em 1965, em 1979 a empresa foi obrigada a fechar uma de suas unidades, reduzindo seus empregados de 800 para pouco mais de 400, atualmente.

Ociosidade

Até hoje, Machado Zica repete as críticas que fazia ao Governo no final da administração do general Ernesto Geisel, de que “ele é o maior culpado pela ociosidade nas indústrias de bens de capital, já que foi quem mais incentivou a expansão do setor”. Ele não prevê para este ano um crescimento real no faturamento bruto da DELP, que, em 1981, teve uma evolução nominal de 66%, com Cr\$ 1 bilhão 34 milhões, mas com um prejuízo líquido de Cr\$ 80 milhões, contra um lucro de Cr\$ 53 milhões, em 1980.

A usina de ferro-ligas da DELP, a Minasligas — Companhia Ferroligas Mineiras Gerais, localizada em Pirapora (área mineira da Sudene) até agora não deu bons resultados, devido à queda do consumo de aço no mercado interno e às barreiras alfandegárias dos Estados Unidos, que praticamente coincidiram com a sua entrada em operação. O ano passado, a Minasligas vendeu 11 mil t de ferro silício, com um faturamento de Cr\$ 694 milhões e um prejuízo líquido de Cr\$ 72 milhões contra um lucro de Cr\$ 31 milhões em 1980.

No caso da siderúrgica, a reclamação de Machado Zica é contra as constantes altas das tarifas de energia elétrica, que representam os maiores custos operacionais nas usinas de ferro-liga. Exemplificou dizendo que, em 1980, a eletricidade participava com 19% no custo operacional de uma tonelada de ferro-liga, chegando, hoje, acima de 40%.

Baseado na experiência que está vivendo com a Minasligas, ele não aconse-

lha a realização de investimentos por parte de seus colegas em outras áreas de produção, mesmo que seja para tentar manter a atual ocupação nas fábricas de bens de capital. “O retorno de capital investido hoje, em bens de produção, não tem prazo certo”, afirma.

Segundo seus cálculos, de 1979 para cá houve uma redução da mão-de-obra empregada no setor de bens de capital de Minas em 58%, caindo de 35 mil para 15 mil, devido à ociosidade média nas empresas em torno dos 60%. A curto prazo, ele não vê perspectivas de melhorias, a não ser com uma reativação no programa habitacional, que beneficiaria os fabricantes de equipamentos para esse setor.

Mas as tentativas dos diretores da DELP, que, em 1981, recorreu à ajuda da Embraemec para injetar capital de giro, não se limitaram à entrada no setor de ferro-ligas. Depois de haver aberto seu capital e fundado com a Dujardin Montbard Somenor — DMS, da França, a DELP-DMS Equipamentos Siderúrgicos (indústria metal-mecânica), se associou a três empresas da Iugoslávia, em fins do ano passado — Metalca, Metalna e Rudes.

Com a Metalca, a empresa se compromete a dividir a fabricação de equipamentos para minis e midis-centrais hidrelétricas, que tenham potência de até 10 mil Kw e de 10 mil Kw até 50 mil Kw, respectivamente. No final do primeiro semestre, as duas empresas estavam executando um projeto para o Equador, para fabricar equipamentos destinados a uma midi-hidrelétrica, com potência para 20 mil Kw, no valor de 50 milhões de dólares. O projeto é um pacote que foi entregue a um consórcio de quatro empresas brasileiras.

Com a Metalina, para o fornecimento de equipamentos de carga de portos e porta-containers, a DELP participou de uma concorrência para quatro guindastes porta-containers — para o porto de Montevidéu. E, finalmente, com a Rudes, a empresa mineira vai fabricar equipamentos para mineração de carvão, que serão produzidos em Contagem, sendo importados apenas alguns componentes pela empresa Iugoslava.

A última tentativa da DELP para reduzir a ociosidade na unidade que permanece aberta em Contagem foi um convênio firmado com uma empresa dos Estados Unidos — a Greencircle, para a fabricação de sistemas e pivôs centrais para irrigação. A empresa foi qualificada pelo Profir — Programa de Financiamento para Irrigação, e já começou a entregar as primeiras unidades, cuja fabricação tem a supervisão de sua associação norte-americana.